

JORNAIS COMO FONTE PARA O ESTUDO DA ECONOMIA DE COUROS E PELES NA AMAZÔNIA

NEWSPAPERS AS A SOURCES FOR THE STUDY OF THE HIDES AND SKINS ECONOMY IN THE AMAZON

Leonardo Milanez de Lima Leandro¹

Marina Lira Soares²

Péricles Delmondes Batista³

RESUMO

O alicerce da formação econômico-social da Amazônia é o extrativismo. E o extrativismo da borracha marca um período importante da sua história e historiografia. Contudo, dados disponíveis nas bases oficiais sugerem que outras atividades não-extrativistas e cinegéticas tiveram importância significativa para a economia regional. Apesar do comportamento crescente das exportações da borracha brasileira, estas só assumiram um papel de destaque a partir da década de 1870. Até ali, as exportações de couros e peles renderam ao Brasil valores mais significativos. O objetivo desse trabalho, portanto, é o de discutir as possibilidades de uso de fontes comumente utilizadas para estudos historiográficos, estimando a participação das exportações de couros e peles embarcadas no porto de Belém, e comparando-a com as exportações de borracha realizadas no mesmo período.

PALAVRAS-CHAVE: Couros e peles. Animais silvestres. Embarques. Exportação. Porto de Belém.

ABSTRACT

The foundation of the economic and social formation of the Amazon is extraction. And the rubber extraction is a feature of its history and historiography. However, available official data suggest that other non-extractive and hunting activities are significant importance to the regional economy. Despite the growing behavior of Brazilian rubber exports, these only took on a prominent role as of the 1870s. Until then, the exports of hides and skins, it yielded more stored values to Brazil. The objective of this work is, therefore, to discuss the possibilities of using sources commonly used for historiographic studies, to estimate the share of hides and skins exports shipped in the port of Belém, and to compare it with the exports of rubber performed in the same period.

KEYWORDS: Hides and skins. Wild animals. Shipments. Export. Port of Belém.

¹ Doutor em Desenvolvimento Sócio Ambiental, Professor do Colegiado de Administração da UNIVASF. E-mail: leonardo.leandro@univasf.edu.br

² Mestra em Saúde e Produção Animal na Amazônia. E-mail: marinalirasoares@gmail.com

³ Graduando em Administração na Universidade Federal do Vale do São Francisco. E-mail: periclesdelmondes@hotmail.com

1 INTRODUÇÃO

É bem difundida e sedimentada a noção de que a Amazônia tem a sua formação econômico-social fundamentada no extrativismo (SANTOS, 1980; HOMMA, 1993; RIBEIRO, 1995; PRADO JÚNIOR, 2008; BENCHIMOL, 2009; COSTA, 2012). E desde o século XVII, quando os portugueses ergueram o Forte do Castelo do Senhor Santo Cristo do Presépio, conhecido popularmente como Forte do Presépio, localizado em Belém, a colônia brasileira passou a exportar outros itens obtidos a partir da interação direta com a natureza, do emprego do trabalho na coleta, captura e extração de riquezas naturais. A descoberta da borracha, no território amazônico também se deu no século anteriormente mencionado, tendo suas propriedades e uso difundidos pelos séculos subsequentes, marcando a trajetória da história e historiografia regional e brasileira (PENNA, 1864; TOCANTINS, 1960; SANTOS, 1980; BENCHIMOL, 2009), tornou-se o item mais representativo de sua socioeconômica. E foi ao sabor de sua exploração que o desenvolvimento da colônia alçou o porto de Belém ao patamar dos principais portos brasileiros.

Contudo, outros itens regionais, com importâncias relativas superiores à da borracha, dificilmente são utilizados para elaborar interpretações a respeito da economia regional. Tocantins (1960) e Barata (1973) listaram e comentaram uma série de itens de ocorrência espontânea que eram extraídos e exportados pela Amazônia ainda no século XVIII. O cacau, por exemplo, é um desses itens que merece análises mais detalhadas. De forma macro, as análises da atividade de comércio e exportação da Amazônia vêm sendo de longa data estudadas, especial e fundamentalmente em relação à borracha. Pesquisadores também se dedicaram a analisar a atividade de caça realizada por populações amazônicas em diversos contextos.

Por outro lado, mesmo com as contribuições ofertadas, os estudos estão limitados a descrever técnicas, alertar para a forte pressão exercida sobre as populações de determinadas espécies e reafirmar a importância da caça como elemento cultural do cotidiano das populações amazônicas (HEIZER, 1997; POSEY, 1997; SILVA, 1998; PERES, 2000; ADAMS; MURRIETA; SANCHES, 2005; REBÊLO et al., 2005; CAMPOS, 2008; SILVA, 2007; 2008; PEZZUTI et al., 2009; 2010). Dentro desse contexto, mesmo de modo incipiente, pesquisas evidenciaram a importância dessa atividade para a economia regional no século XX (PARRA MONSALVE, 2009; ANTUNES; SHEPARD JUNIOR; VENTICINQUE, 2014; ANTUNES et al., 2016).

O item o qual voltamos nossas atenções não advém do extrativismo. Focaremos na exportação de couros e peles, inclusive os de animais silvestres⁴. Apesar de trabalhos clássicos terem apontado a pecuária como fator importante para o crescimento demográfico e de expansão da fronteira econômica nos períodos colonial e imperial (SIMONSEN, 1937; BRITTO, 1939; PRADO JÚNIOR, 1961; ABREU, 1998), o campo científico tem demandado pouco esforço na realização de pesquisas para investigar o comércio internacional de couros e peles, elemento que resulta, diretamente, da atividade pecuária.

Assim, a tarefa proposta nesse estudo tem como ponto de partida as exportações de couros e peles realizadas pelo Brasil na primeira metade do século XIX, destacando-se os embarques efetuados no porto de Belém. O período que compõe o corpus da pesquisa compreende o período de 1845 a 1849, quando o termo médio das exportações de couros e peles do Brasil regulou em torno de 4,84 mil contos de réis anuais, contra a média anual de apenas 219 (duzentos e dezenove) contos de réis em borracha. Outra justificativa está vinculada à disponibilidade de fontes para a coleta de dados, empreendida fundamentalmente nos informes sobre entradas e saídas de embarcações no porto de Belém, publicados no Jornal 13 de Maio.

O objetivo principal da discussão aqui proposta é fazer um exercício de exploração desse tipo de fonte, os periódicos, comumente utilizada na realização de estudos de história social, para avaliar seu potencial de uso na história econômica. Assim, do ponto de vista metodológico, com base nos dados coletados, estimou-se a participação das exportações de couros e peles embarcadas no porto de Belém, e comparou-se os resultados com as exportações de borracha no mesmo período como forma de verificar, de modo mais rigoroso, a validade dos dados. Indo mais adiante, analisou-se, também, a participação do porto de Belém nas exportações de couros e peles efetuadas pelo Brasil entre os anos de 1845 e 1849. Uma vez averiguados os registros, foi possível, de modo secundário, identificar os destinos das cargas e o comportamento dos preços da mercadoria, ampliando o alcance da fonte como elemento que permite realizar interpretações no campo da história econômica.

O tema é abordado em outras 4 sessões. A seguir, uma breve interpretação do ambiente econômico da Amazônia na primeira metade do século XIX; depois, são tecidos comentários sobre as exportações brasileiras de couros e peles; posteriormente, são apresentadas as técnicas empreendidas para a coleta dos dados também se reserva espaço para a sua crítica; na quinta sessão, os dados coletados são analisados, com base nos procedimentos de estatística descritiva; e por último, as considerações finais.

⁴ Note-se que a produção de peles de animais silvestres decorre da caça, uma atividade cinegética, de interação direta do trabalho com a natureza, tal qual o extrativismo.

2 UM ESBOÇO INTERPRETATIVO DA ECONOMIA DA AMAZÔNIA NA PRIMEIRA METADE DO SÉCULO XIX

A configuração do ambiente econômico da Amazônia na primeira metade do século XIX é resultante dos fatores críticos que se impuseram na colônia desde meados do século XVIII. Costa (2012) comenta que:

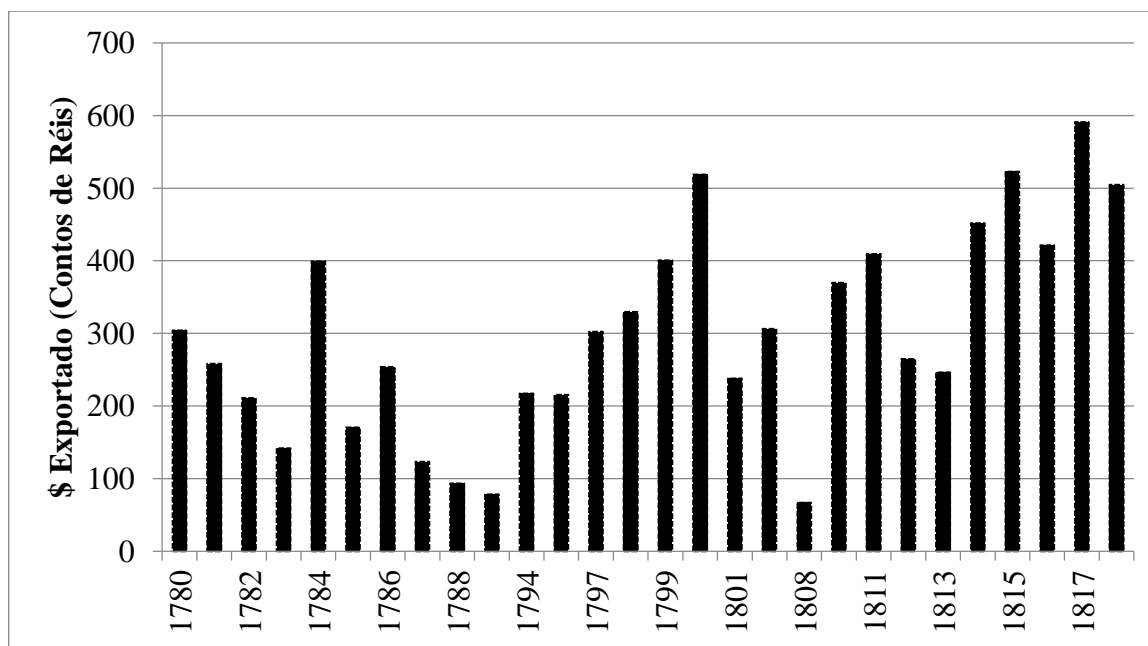
Com o fim dos diretórios, a Colônia do Grão-Pará passou a se assentar em duas grandes estruturas produtivas: a fundamentada no campesinato-caboclo, que em estreita relação com os regatões e seus aviadores exportam predominantemente produtos extrativos e os colonos escravistas que exportam prevalentemente produtos agropecuários. (COSTA, 2012, p. 59).

Desse modo, explica que a economia regional estava assentada, de um lado, em unidades familiares que praticavam agricultura e extrativismo, com parte dos resultados desta última destinada ao comércio, que, em última instância, alcançava o mercado mundial através de relações mediadas por agentes comerciais locais, por sua vez conectados com grandes comerciantes de Belém⁵. De outro, unidades que utilizavam a mão de obra escrava para a produção de bens comercializados no mercado mundial, tais como a cana de açúcar, o cacau, o arroz, o algodão, e até mesmo o café (BARATA, 1973), dependentes, ainda, do auxílio de pecuaristas.

Embora os dados de exportação anotados por Barata (1973) sejam sugestivos de uma economia em expansão e crescimento na transição dos séculos XVIII e XIX, ao se observar a continuidade das exportações para as primeiras décadas do século XIX, há que se ponderar sobre a fase. Santos (1980), por exemplo, comenta que a economia regional não mostrava sinais de solidez interna, apesar de uma conjuntura relativamente eufórica. Nos dados anotados por Barata (1973), os resultados das exportações do Pará demonstram tal momento de crescimento sem sustentação, como podemos analisar no gráfico abaixo.

Gráfico 1 – Evolução das exportações do Pará (1780-1818)

⁵ Para informações mais detalhadas sobre as unidades familiares que realizavam a produção agrícola e extrativa, ver Oliveira Filho (1979). Sobre o conceito e o papel histórico do regatão, ver McGrath (1999).



Fonte: Elaborado pelos autores a partir do conteúdo de Barata (1973).

Após fraco desempenho da década de 1780, quando as exportações declinaram em quase 4 (quatro) vezes, a economia regional passou a crescer novamente, de tal modo que entre os anos de 1796 e 1800 seus resultados mais que dobraram. Costa (2012), ao analisar as décadas iniciais do século XIX, aponta que a produção colonial no mercado mundial, entre os anos de 1799 e 1822 teve queda de -2,19% ao ano.

De acordo com Santos (1980), a pesca para o consumo doméstico, sistemas agropecuários sem maior porte e uma reduzida atividade industrial eram os sistemas que existiam de mais estável. Mesmo o cacau, de origem extrativista, sujeitava-se ao ritmo da natureza, ao sistema financeiro que suportava a atividade, o aviamento, e aos caprichos do mercado externo, de tal modo que boa parte da renda gerada era transferida para a metrópole, forçando a renda interna para baixo.

Entre os produtos derivados da atividade extrativa, Coslovsky (2006) destacou a importância de uma indústria de calçados de borracha⁶. Ao observar as exportações dessa indústria, com vistas a identificar o motivo dos esforços para sua alavancagem terem sido minados, o autor também oferece uma interpretação significativa da economia política da Amazônia na primeira metade do século XIX, enumerando dois projetos antagônicos, liderados por duas elites com visões de mundo distintas. De um lado, uma elite composta por negociantes

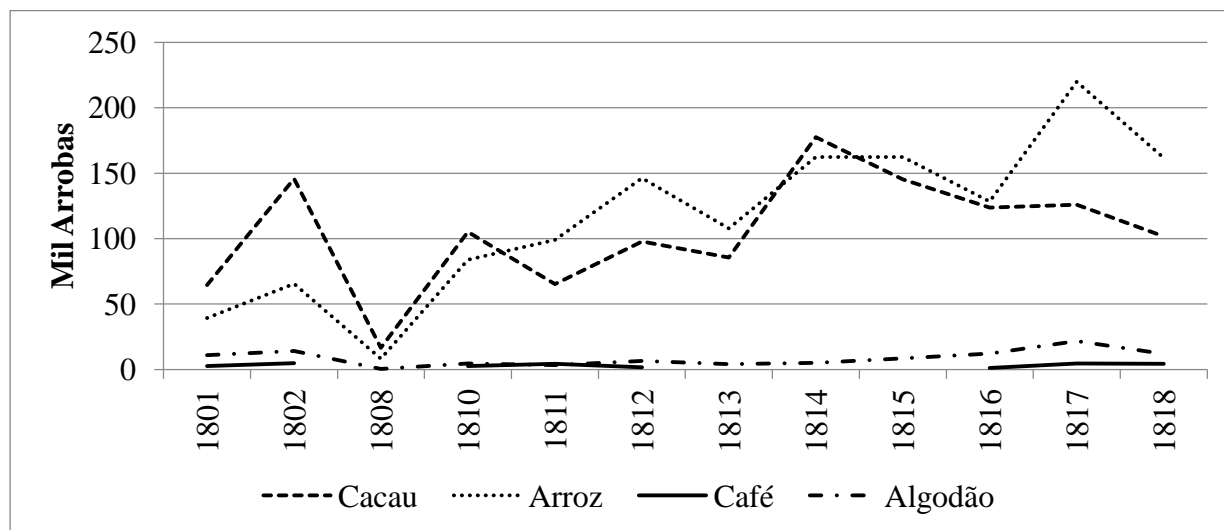
⁶ A informação consta nos informes compulsados sobre a movimentação de embarcações no porto de Belém, essa atividade interessa, em parte, por se colocar como referência para checagem de preços e valores anotados sobre as exportações de couros e peles.

em busca dos recursos florestais e que apoiava a atividade extrativa, e de outro uma elite formada por proprietários de terras, de onde veio a descender boa parte dos quadros políticos da região, e que defendia um projeto de desenvolvimento regional com base na agricultura racional.

O confronto dos grupos antagônicos findou na seleção das soluções para os conjuntos de problemas que aquelas elites julgavam relevantes para a sua história, o que colocou como concorrentes os paradigmas tecnológicos fundamentados no extrativismo e na agricultura. Viu-se, pois, que a fração do capital local, formada pelos proprietários de terras locais, não teve capacidade de se sobrepor à fração de capital estrangeiro, composta pela massa de aventureiros interessados nos recursos florestais, especialmente após os eventos ocorridos na transição das décadas de 1830 e 1840, quando foi descoberto o processo de vulcanização da borracha. Como passou a interessar mais a *commodity* que a manufatura, a indústria foi desmontada e a borracha da Amazônia passou a ser exportada, fundamentalmente, na sua forma bruta.

Assim, a economia da Amazônia atravessa a primeira metade do século XIX lidando com dois sistemas de produção, baseados no extrativismo e na agricultura, demandando conhecimentos tanto para acessar os produtos da floresta, acumulados pela interação secular de povos estrangeiros e povos originários, que findaram por constituir uma população cabocla, quanto para desenvolver sistemas de cultivo adaptados às condições edafoclimáticas regionais, igualmente requerendo os conhecimentos daquela população (OLIVEIRA FILHO, 1979; RIBEIRO, 1995; COSTA, 2012). Logo abaixo, com a leitura do gráfico fica evidente que ambos os sistemas de produção, o extrativista e o agrícola, estavam alcançando desempenhos bastante animadores.

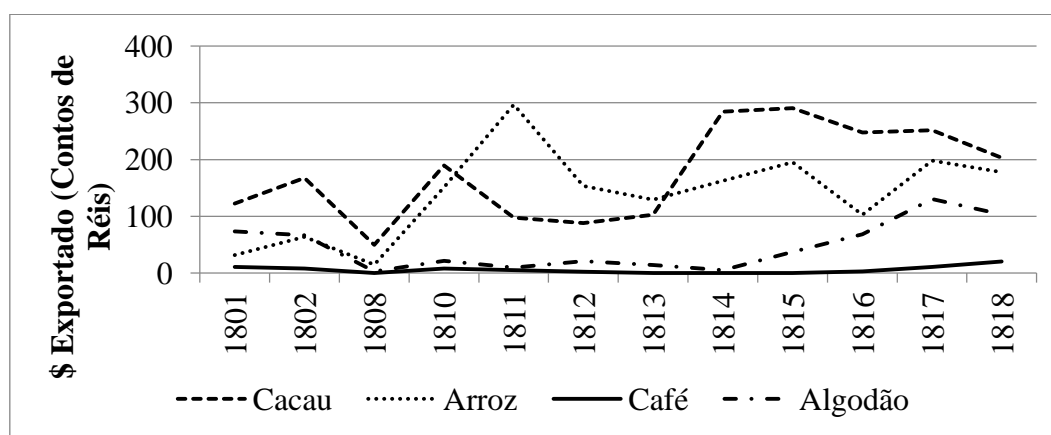
Gráfico 2 – Evolução de itens de exportação produzidos no Pará (1801-1818)



Fonte: Elaborado pelos autores a partir do conteúdo de Barata (1973).

Barata (1973) relata que além desses produtos principais, compunham a cesta de exportações do Pará, no início do século, açúcar, aguardente, canela, salsaparrilha, madeiras, couros secos, salgados e curtidos, anil, óleo de copaíba e de andiroba, urucum, manteiga de tartaruga. Contudo, apesar dos esforços com a agricultura, os rendimentos auferidos com a atividade extrativa eram mais atraentes e com produtividade e rentabilidade crescentes (Gráfico 3). É possível acompanhar no Gráfico 3 o desenvolvimento gradual do valor de itens de exportação produzidos no Pará, no período que compreende 1801 a 1818.

Gráfico 3 – Evolução do valor de itens de exportação produzidos no Pará (1801-1818)



Fonte: Elaborado pelos autores a partir do conteúdo de Barata (1973)

Por essa explanação geral, vê-se que as atividades extrativas ocorriam em maior número e poderiam gerar resultados financeiros superiores à agricultura. Vale ressaltar que as atividades extrativas, se lideradas pelo capital mercantil a partir de agentes sediados em Belém, era desenvolvida pelas populações ribeirinhas, aviadas por aqueles agentes mercantis. Essa produção não atende, de modo específico, os requisitos do mercado, de modo que o preço da mercadoria na origem não importará, ao final, no desempenho das atividades.

A floresta dispõe de boa parte daquilo que o ribeirinho precisa para sua subsistência: proteínas, carboidratos, vitaminas e minerais que são encontrados em abundância na natureza e coletam frutos, folhas e sementes, pescam, caçam e plantam. O excedente de sua produção será utilizado para adquirir outros bens que eles não conseguem produzir internamente, tais como fósforos, querosene, armas e munição, vestimentas e outras quinquilharias, entregues a eles pelos marreteiros e regatões. Nessa lógica de produção, o abate de animais de grande porte, tais como a onça pintada (*Panthera onca*), gato maracajá (*Leopardus pardalis*), veado (*Mazama* sp.), jacarés

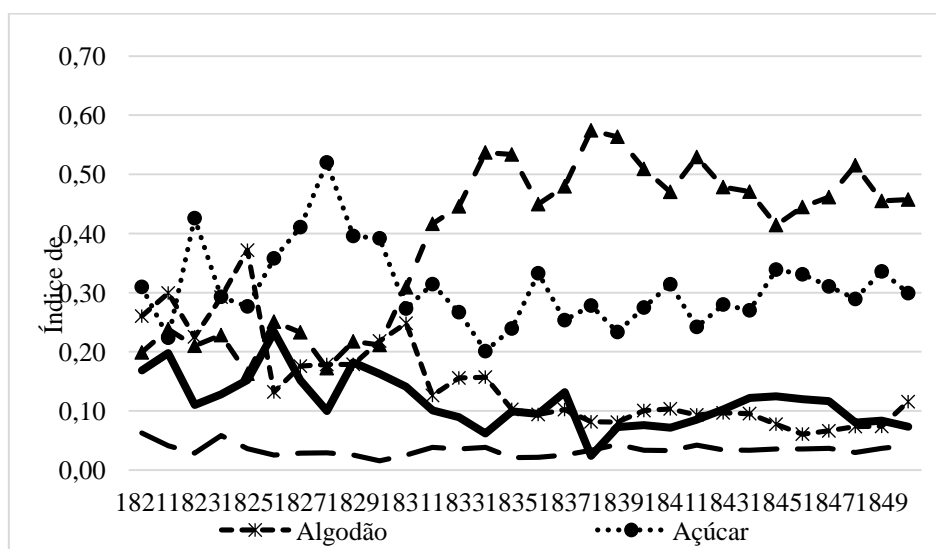
(Alligatoridae), caítitu (*Tayassu tajacu*) e serpentes, resultavam em couros e peles que encontravam espaço no mercado internacional.

Por outro lado, os proprietários de terras, dedicados à agricultura comercial, também necessitavam de animais para transporte e geração de energia. Assim, a pecuária se tornava uma necessária atividade de suporte, como já bem estabelecido pela clássica historiografia econômica (SIMONSEN, 1937; BRITTO, 1939; PRADO JÚNIOR, 1961; ABREU, 1998; FURTADO, 2007). Não só para fornecer animais para transporte e geração de energia, mas também para a alimentação da população urbana crescente. Essa atividade gerava, além da carne verde e do charque, os couros, para usos diversos e também para a exportação.

3 UM BREVE PANORAMA DAS EXPORTAÇÕES DE COUROS E PELES DO BRASIL

Apesar de ter sido interpretada como acessória pela historiografia clássica da formação econômica do Brasil, a pecuária gerou importantes resultados à sua balança comercial de exportação. Compilando dados da base do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA), percebe-se que as exportações de couros e peles conferem à atividade pecuária um caráter econômico relativamente mais importante. No período que ocupa as atenções desse estudo, as exportações dessa mercadoria colocavam a pecuária como a terceira atividade econômica mais importante do império. Observe o gráfico.

Gráfico 4 – Participação relativa dos principais produtos para exportação do Brasil.



Fonte: IPEADATA.

No primeiro quinquênio após a independência brasileira de Portugal, os dados demonstram certa rivalidade na participação relativa das exportações de algodão, açúcar, café e couros e peles. Dos produtos exportados, somente fumo, cacau e borracha não ocupam espaço de relevo. Mesmo se considerada a participação destes em seu conjunto, representam menos da metade das exportações dos couros e peles. Durante a década de 1820, as exportações destes seguiam relativamente próximas as do café e do algodão. Enquanto o açúcar permanecia líder, com participação relativa de pouco mais de 1/3 das exportações, algodão e café rivalizavam por cerca de 1/5 delas, e couros e peles respondiam por cerca de 16% no período. O fumo, a borracha e o cacau, juntos, completavam os demais 4% das exportações.

Nas duas décadas seguintes, o café assume e se mantém definitivamente na dianteira do comércio exterior, respondendo por 46% dos resultados da balança comercial, seguido pelas tradicionais exportações de açúcar, num termo médio de 29%. As exportações de algodão e couros e peles vão somar, cada uma delas, outros 10%, em média. Enquanto isso, os 4% restantes são representados por fumo, o cacau, a borracha e a erva-mate.

Considerando todo o período como demonstrado no Gráfico 4, a distribuição das participações das exportações coloca o café como o principal item da balança comercial, responsável pelo termo médio de 38,8%, seguido pelo açúcar, que respondeu por outros 30,9%. Depois, algodão e couros e peles participaram com 14,8% e 11,5%, respectivamente, enquanto o fumo, a borracha, o cacau e a erva-mate somavam apenas 3,9%.

Parece razoável considerar que, para além de atividade secundária, a pecuária se colocou entre as principais economias do Brasil, mantendo abastecido o mercado interno com alimentos, força motriz e matéria prima, além de enviar ao exterior parte da produção desta última.

4 OS PERIÓDICOS COMO FONTES

Como já anteriormente mencionado, antes da borracha surgir como o principal item da economia da Amazônia, outras atividades se destacavam em relação aos resultados oferecidos à balança de exportação. Igualmente, foi mencionado, no que se refere às exportações brasileiras na segunda metade da década de 1840, que o resultado produzido pela rubrica couros e peles representava mais de 20 (vinte) vezes o resultado gerado pela borracha.

Sabe-se que os periódicos do século XIX são fontes relevantes para investigar fatos históricos, servindo de base para interpretações historiográficas consistentes. No que se refere às

relações internacionais, com frequência os jornais trazem informes sobre entradas e saídas de embarcações nos portos brasileiros, aplicadas no transporte de passageiros e no comércio de importação e exportação.

Nesses informes ainda podem ser encontrados dados sobre embarques e desembarques efetuados, de navios que chegavam ou tinha como destino o exterior, com listas dos diversos itens transportados, indicando sua procedência e seu destino, uma descrição básica da carga e a quantidade transportada por item. Há, ainda, em algumas edições, quadros onde constam preços de referência para mercadorias diversas negociadas na praça. Assim, considerando os informes sobre as quantidades embarcadas junto com os preços apresentados, buscou-se verificar a possibilidade de estimar o valor anual dos couros e peles embarcados no porto de Belém.

De modo mais específico, os dados coletados correspondem ao dia da saída da embarcação, seu tipo e nome, o porto e o país de destino, e a quantidade embarcada de couros (secos, salgados e de animais silvestres), sapatos de seringa e borracha bruta, além dos preços de cada tipo de mercadoria negociada na praça de Belém. A pesquisa se concentrou no Jornal 13 de Maio, um dos mais antigos jornais de contínua circulação na praça de Belém. O periódico começou a circular na Capital paraense em 1840, com dois números semanais, veiculados geralmente às quartas-feiras e sábados. Na década de 1850 a circulação passou a ser diária até o seu fechamento no ano de 1862. Para a formação do corpus, buscou-se as edições disponíveis no site da Biblioteca Nacional, mais precisamente na Hemeroteca Digital⁷. Apesar do periódico ter iniciado sua circulação no ano de 1840, na base consultada estão disponíveis os exemplares publicados a partir de 1845. Os números consultados dão conta do período entre janeiro de 1845 a maio de 1847, e de maio de 1848 a maio de 1849. Dessa forma, perceber-se que a base apresenta algumas lacunas, o que impossibilita uma apuração precisa dos dados. Além dessas lacunas mencionadas, cumpre anotar ainda que os informes nem sempre apresentaram seus dados rotineiros, em alguns casos, limitando-se a comunicar a chegada ou partida de uma embarcação, sem mais detalhes sobre passageiros ou cargas. Mas essas ocorrências foram pontuais.

5 COUROS E PELES EMBARCADOS NO PORTO DE BELÉM

⁷ A Biblioteca Nacional é uma das mais bem conceituadas bibliotecas nacionais do mundo. Entre os serviços oferecidos ao público está a Biblioteca Digital, que reúne, em seu acervo, documentos de domínio público. Os jornais estão localizados na Hemeroteca Digital Brasileira, um portal dedicado aos periódicos nacionais e estrangeiros que circulavam no Brasil, que podem ser livremente acessados pela internet.

Os dados foram extraídos de 127 (cento e vinte e sete) edições retiradas da Hemeroteca no período que compreende janeiro de 1845 a maio de 1849, com as limitações já apontadas. Contudo, constatou-se que em apenas 50 (cinquenta) edições há dados sobre envios de couros e peles ao exterior. Nelas, são informadas a realização de 64 (sessenta e quatro) viagens com origem no porto de Belém. Essas viagens foram realizadas por 40 (quarenta) embarcações distintas, sendo elas de seis tipos: barca, navio, brigue, patacho, brigue-escuna e escuna⁸. Acompanhe os dados na tabela abaixo.

Tabela 1 – Tipo de embarcação, capacidade média e quantidade de viagens saídas do porto de Belém (1845-1849)

Embarcações		Viagens	
Tipo	Ton. Média ^a	Nº	%
Brigue	254,3	37	57,8
Patacho	197,1	13	20,3
Barca	347,0	6	9,4
Escuna	130,9	4	6,3
Brigue-escuna	172,4	3	4,7
Navio	297,0	1	1,6
Total		64	100

Fonte: Jornal 13 de Maio.

^a De acordo com as médias encontradas para cada tipo de embarcação apontada no Brasil entre 1845 e 1849, constantes no banco de dados do *Slave Voyages*.

Se se tomar, de modo aleatório, embarcações com capacidade de carga superior a 250 (duzentos e cinquenta) toneladas como de grande porte, tais como a barca, o navio e o brigue, estas fizeram pouco mais de 2/3 das viagens, totalizando 68,8%. As demais viagens (31,2%) foram realizadas por embarcações de médio porte, com capacidades médias abaixo das 200 (duzentas) toneladas. Esse indicador lança alguma luz sobre a importância dos couros e peles no comércio exterior brasileiro, tendo em vista que essa mercadoria era transportada em grandes embarcações, eventualmente pertencentes a grandes contratadores, no Brasil e no exterior.

Sobre os destinos, as cargas seguiram para 12 (doze) portos de 6 (seis) nações distintas. Os portos que receberam mais viagens foram os de Salém (18 viagens), nos Estados Unidos, e de Lisboa (16 viagens), em Portugal. Nos Estados Unidos, as embarcações descarregaram couros e peles nas cidades de Nova Iorque, Boston e Baltimore. Em Portugal, na cidade do Porto. As demais viagens tiveram como destinos os portos de Liverpool e Londres, na Inglaterra, de

⁸ Só a título de referência, para estabelecer um termo médio da capacidade de transporte de cada tipo de embarcação, tomaram-se como base os dados do *Slave Voyages*, especificamente as viagens com destino ao Brasil ocorridas entre os anos de 1844 e 1849. Nesse intervalo, 21 tipos distintos de embarcações aportaram no Brasil, e destas, os 6 tipos citados acima encontram correspondência com as denominações relacionadas.

Hamburgo, na Alemanha, de Nantes e Marselha, na França, e de Antuérpia, na Bélgica (Tabela 2). Esse ranque referente ao número de embarcações recebidas com cargas de couros e peles do porto de Belém reflete também as mesmas posições quando consideradas as quantidades da mercadoria desembarcadas em cada país. Somente os Estados Unidos recebeu 42,4 mil peças. Quase o triplo do recebido por Portugal (15,9 mil), que por sua vez recebeu 4 vezes mais couros e peles que a Inglaterra (3,5 mil). Enquanto isso, a França (2,3 mil) e a Alemanha (2,2 mil) receberam quantidades muito próximas. Por fim, a Bélgica recebeu 182 unidades de couros e peles ao longo do período analisado.

Tabela 2. Destino, quantidade de viagens e quantidade de couros e peles embarcados no porto de Belém (1845-1849).

Destino	Viagens	1845	1846	1847	1848	1849
Estados Unidos	27	11.261	7.204	1.763	22.235	-
Portugal	19	2.118	3.805	1.007	7.319	1.747
Inglaterra	7	47	2.290	200	1.000	-
Alemanha	5	415	1.650	138	42	-
França	4	-	-	43	2.333	-
Bélgica	2	-	117	-	65	-
Total	64	13.841	15.066	3.151	32.994	1.747

Fonte: Jornal 13 de Maio

No total, ao longo dos anos anotados, foram embarcadas 66.799 (seiscentos e seis mil e setecentos e noventa e nove) unidades de couros e peles, sejam secos, salgados ou de animais silvestres. Destas, 40 (quarenta) peles de onça foram embarcadas para a Alemanha no ano de 1845, outras 244 tiveram como destino os Estados Unidos, sendo 76 (setenta e seis) em 1846 e 168 em 1847, e as 43 (quarenta e três) seguiram para a França, no ano de 1847. Os rendimentos proporcionados por essa atividade alcançaram a cifra de pouco mais de 96 contos de réis, estando inclusos 862,55 mil réis advindos das exportações das 327 (trezentos e vinte e sete) peles de onça.

Esses valores revelam que a quantidade exportada da mercadoria apresentou uma tendência de crescimento ao longo do período. E, seguindo a tendência da teoria econômica, à medida em que crescia a oferta da mercadoria, o preço médio apresentou tendência de queda. Enquanto a unidade de couro seco negociada na praça de Belém em janeiro de 1845 alcançava a marca dos 2,6 mil réis, entre maio de 1848 e maio de 1849 o preço médio não passou dos 2 mil réis. No mesmo intervalo, os couros salgados, antes negociados a um termo médio de 98 réis a libra peso, foram rebaixados a 60 réis a libra peso. Já as peles de onça fizeram um movimento contrário. Negociadas a 2,5 mil réis a unidade no ano de 1845, atingiram o preço médio de 2,6 mil réis em 1847.

Cumpra anotar que esses dados podem estar subestimados, pois 7 (sete) viagens, realizadas entre os dias 4 e 22 de outubro de 1845, com destino à Inglaterra (3), Portugal (2), Alemanha (1) e França (1), não tiveram suas cargas descritas no periódico, que se limitou a informar apenas a data de saída do porto de Belém e os portos de destino acima indicados.

Como registrado anteriormente, o outro exercício proposto para experimentar a dimensão da importância das exportações de couros e peles embarcadas em Belém foi a sua comparação com as exportações de borracha. Ao longo do período analisado, 729.084 (setecentos e vinte nove mil e oitenta e quatro) pares de sapatos de seringa foram exportados. Essa exportação, considerando os preços médios do par de sapato negociado em Belém, resultou num montante de pouco mais de 197,49 contos de réis. Também foram registradas as exportações de borracha bruta, que alcançaram a quantidade de 49.383,5 arrobas, perfazendo um valor total pouco superior a 333,56 contos de réis. Assim, juntando as exportações de sapatos de borracha com as de borracha bruta, chega-se ao valor total de 531,05 contos de réis. O valor das exportações de couros e peles perfazem, assim, quase 1/5 desse valor, demonstrando sua importância relativa para uma economia em expansão, como a da Amazônia. Por fim, comparando as exportações de couros e peles embarcadas em Belém com o total das exportações do Brasil no período, nota-se que o principal porto da Amazônia foi responsável por menos de 1/100 dos resultados obtidos para o conjunto das exportações do império. Esse resultado era esperado, tendo em vista que a principal fronteira pecuária brasileira estava no sul do império, sendo a província de São Pedro do Rio Grande do Sul a principal produtora de gado e, por conseguinte, dos couros desses animais.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os exemplares do periódico consultados, publicados entre os anos de 1845 e 1849, revelaram-se uma fonte importante para investigar as exportações de couros e peles, apresentando pelo menos três mercadorias distintas: couros secos, couros salgados e peles de animais silvestres. Apesar das limitações apresentadas foi possível verificar a quantidade e valores provenientes dos produtos exportados, portos de destino e preços das mercadorias, dados esses fundamentais para confrontarmos com a teoria indo além na construção teórica e sirvam de suporte empírico para elaborações teóricas. Mas as limitações podem ser relativamente superadas com o recurso de cruzamento de fontes, com a utilização simultânea dos periódicos com documentos fiscais ou mesmo os relatórios de presidentes das províncias. Veja-se, a título de

exemplo o caso das 97 (noventa e sete) unidades de peles de onça e das 68 (sessenta e oito) unidades de peles de maracajá, que tiveram seus dízimos de exportação creditados ao Pará e registrados na Recebedoria de Rendas Provinciais no exercício correspondente ao período de julho de 1847 a junho de 1848 (PARÁ, 1848), período que para o qual não se dispôs de edições do Jornal 13 de Maio da base consultada.

Por outro lado, enquanto os periódicos deixaram aparente aquelas 3 (três) mercadorias, não se pode descartar a possibilidade de, dentro da rubrica geral couros e peles, estarem contidas peles de animais silvestres. Essa hipótese pode ser melhor investigada, visto que os periódicos deixaram essa pista em aberto, uma vez que as tábuas de preços compulsadas sugerem possibilidades diversas. Como anotado, há preços e medidas diferentes para couros secos e salgados, sendo os primeiros cotados por unidade e os segundos por peso, com preços muito distintos. As peles de animais silvestres eram cotadas com valores muito próximos aos dos couros secos e comercializadas em unidades, assim como aqueles.

Notou-se, ainda, que as exportações totais de couros e peles eventualmente podem ser consideradas entre as principais da balança comercial do Pará. Em que pese seu caráter fundamentalmente extrativista, como já bem estabelecido pela literatura, e como atestou até mesmo os dados empíricos aqui apresentados, a atividade pecuária e de caça demonstraram efetivo quadro de desenvolvimento, em um período no qual a fronteira amazônica estava em expansão, com as exportações apresentando índices sustentados de crescimento e mudanças no seu padrão. Ademais, o mercado de couros e peles reforçava a corrente de comércio exterior da Amazônia, estando seus agentes atentos às demandas pelos diversos itens de sua cesta de produtos.

Cumpra esclarecer, por fim, que essa pesquisa exploratória e experimental utilizou exclusivamente o mecanismo de busca da Hemeroteca Digital no site da Biblioteca Nacional, compulsando dados publicados no Jornal 13 de Maio, com as limitações acima descritas. Note-se, por exemplo, que a Biblioteca Pública Arthur Vianna, da Fundação de Cultura do Pará, dispõe de um acervo mais completo de periódicos, especialmente do que serviu para a realização dessa pesquisa, além de outras fontes documentais, que poderão servir melhor para uma investigação mais ampla e apurada.

REFERÊNCIAS

ABREU, João Capistrano Honório de. **Capítulos de história colonial**. Brasília: Conselho Editorial do Senado Federal, 1998.

ADAMS, Cristina; MURRIETA, R.S.S.; SANCHES, R.A. Agricultura e alimentação em populações ribeirinhas das várzeas do Amazonas: novas perspectivas. **Ambiente e sociedade**. v. 8, n.1, 2005.

ANTUNES, André Pinassi; SHEPARD JUNIOR, Glenn Harvey; VENTICINQUE, Eduardo Martins. O comércio internacional de peles silvestres na Amazônia brasileira no século XX. **Bol. Mus. Para. Emílio Goeldi. Cienc. Hum.**, Belém, v. 9, n. 2, maio-ago. 2014.

ANTUNES, André Pinasse et al. Empty forest or empty rivers? A century of commercial hunting in Amazonia. **Science Advances**. v. 2, n. 10, out. 2016.

BARATA, Manoel. A antiga produção de exportação do Pará. In: BARATA, Manoel. **Formação histórica do Pará (obras reunidas)**. Belém: Universidade Federal do Pará, 1973.

BENCHIMOL, S. **Amazônia: formação social e cultural**. Manaus: Valer, 2009.

BRITTO, Lemos. **Pontos de partida para a história econômica do Brasil**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1939.

CAMPOS, M.A.A. **Cruzando ecologia com os caçadores do Rio Cueiras: saberes e estratégias de caça no Baixo Rio Negro, Amazonas**. Dissertação (Mestrado em Biologia Tropical e Recursos Naturais) – Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia, Manaus, 2008.

COSLOVSKY, Salo Vinocur. **The rise and decline of the amazonian rubber shoe industry: a tale of technology, international trade and industrialization in the early 19th century**. Program in Science, Technology and Society, MIT, Working, *paper*, 39, jun. 2006.

COSTA, Francisco de Assis. **Formação rural extrativista na Amazônia: os desafios do desenvolvimento capitalista (1720 - 1970)**. Belém: NAEA, 2012.

FURTADO, Celso. **Formação econômica do Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

HEIZER, Robert F. Venenos de pesca. In: RIBEIRO, Berta G. (coord.). **Suma etnológica brasileira**. Etnobiologia. Editora Universitária; UFPA: Belém, 1997, v. 1.

HOMMA. Alfredo Kingo Oyama. **Extrativismo vegetal na Amazônia: limites e oportunidades**. Brasília: Embrapa-SPI, 1993.

INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA. **Ipeadata: Macroeconômico - Séries históricas: comércio exterior**. Disponível em <http://www.ipeadata.gov.br/Default.aspx>. Acesso em julho de 2020.

Jornal 13 de maio.

MCGRATH, David. Parceiros no crime: o regatão e a resistência cabocla na Amazônia tradicional. **Novos Cadernos NAEA**. Belém, 1999, v. 2, n. 2.

OLIVEIRA FILHO, João Pacheco de. O caboclo e o brabo – Notas sobre duas modalidades de força-de-trabalho na expansão da fronteira amazônica no século. In: **Encontros Com A Civilização Brasileira**, 1979, Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1979. p. 101-141.

PARÁ (Província). Jerônimo Francisco Coelho (Presidente). **Falla dirigida pelo Exm.º Snr. Conselheiro Jerônimo Francisco Coelho, presidente da província do Gram-Pará à Assembleia Legislativa Provincial, na abertura da sessão ordinária da sexta legislatura no dia 1º de outubro de 1848.** Typographia de Santos & Filhos: Pará, 1848.

PARRA MONSALVE, James León. Depredador depredado: cacerías y comercio de jaguar en los cuencas andino amazónicas. **Novos Cadernos NAEA**. v. 12, n. 11, jun., 2009.

PENNA, Domingos Soares Ferreira. **O Tocantins e o Anapú: relatório do secretário da província.** Pará: Typ. de Frederico Rhossard, 1864.

PERES, C. A. Effects of subsistence hunting on vertebrate community structure in Amazon forests. **Conservation Biology**. 2000, v. 14, n.1.

PEZUTTI, Juarez Carlos Brito. Manejo de caça e a conservação da fauna silvestre com participação comunitária. **Paper do NAEA**, n. 235, 2009.

PEZZUTI, Juarez Carlos Brito et al. Etnoecologia e conservação de quelônios amazônicos: um estudo de caso. In: ALVES, Rômulo Romeu da Nóbrega; SOUTO, Wedson de Medeiros Silva; MOURÃO, José da Silva (org.). **A etnozoologia no Brasil: importância, status atual e perspectivas.** Recife: NUPEEA, 2010.

POSEY, D. Etnoentomologia de tribos indígenas da Amazônia. In: RIBEIRO, Berta G. (coord.). **Suma etnológica brasileira.** Etnobiologia. Editora Universitária; UFPA: Belém, 1997, v. 1.

PRADO JUNIOR, Caio. **Formação do Brasil contemporâneo (colônia).** São Paulo: Brasiliense, 1961.

PRADO JUNIOR, Caio. **História econômica do Brasil.** São Paulo: Brasiliense, 2008.

REBÊLO, George H. et al. Pesca artesanal de quelônios no Parque Nacional do Jaú (AM). **Bol. Mus. Para. Emílio Goeldi. Cienc. Hum.**, Belém, v. 1, n. 1, jan-abr., 2005.

RIBEIRO, Darcy. **O povo brasileiro.** São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

SANTOS, Roberto. **História Econômica da Amazônia (1800-1920).** São Paulo: T. A. Queiroz, 1980.

SILVA, A. L. Comida de gente: preferências e tabus alimentares entre os ribeirinhos do Médio Rio Negro, Amazonas, Brasil. **Revista de Antropologia da USP**. v. 50, n. 1, 2007.

SILVA, A. L. Animais medicinais: conhecimento e uso entre as populações ribeirinhas do rio Negro, Amazonas, Brasil. **Bol. Mus. Para. Emílio Goeldi. Cienc. Hum.** v. 3, n. 3, 2008.

SILVA, Cláudio Emídio. **A caça de subsistência praticada pelos índios Parakanã (sudeste do Pará): características e sustentabilidade.** Dissertação (Mestrado em Biologia Ambiental) – Universidade Federal do Pará, Belém. 1998.

SIMONSEN, Roberto Chocrane. **História econômica do Brasil (1500-1820)**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1937.

SLAVE VOYAGES. **Database**. Disponível em <https://www.slavevoyages.org>. Acesso em novembro de 2019.

TOCANTINS, Leandro. **Amazônia – natureza, homem e tempo**. Conquista: Rio de Janeiro, 1960.

Data de submissão: 07/09/2020
Data de aprovação: 27/09/2020